AVENCA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

N: 11 / ABRIL A JUNHO 88 / ANO 4

EDITORIAL

Tem este número do nosso boletim o quase exclusivo propósito de dar a conhecer aos leitores, na mc-lida dos nossos limitados recursos, a forma como a A25A participou nos Comemorações do XIV Aniversário do 25 de Abril, quer através de iniciativas próprias, quer a convite de outras entidades.

Para além das intervenções, dos discursos, que constituem peças importantes no esciarecimento das actuais condições de vida do Povo português, é fácil verificar a amplitude e a popularidade da q u el a s comemorações, prova de uma continuada confiança no 25 de Abril.

Não foi por mera coinciciência que este ano se fizeram ouvir vozes, e não das menos importantes e responsáveis, que manifestaram o desejo de ver enterrado o 25 de Abril, se não literal pelo menos metaforicamente, nos arquivos da história, ou até no rol das manifestações folclóricas.

E não é o repetido argumento de que tudo é válido e tudo se justifica, derde que seja uma cópia dos modelos dos países mais desenvolvidos da Europa Comunitária, que nos faz esquecer que esses países não são paraíso para a totalidade dos seus cidadãos, malgrado os muito melhores esquemas de protecção social que oferecem aos mais desprotegidos, o que infelizmente está longe de ser o caso no nosso País.

Talvez por isso, e por muitas mais coisas, a participação popular foi este ano superior à do ano passado, para provar, se necessário ainda, que malgrado a desilusão pelas esperanças não satisfeitas, a ansiedade por um presente por vezes algo incerto, o Povo português continua a acreditar que o 25 de Abril ainda não se cumpriu no que diz respeito a uma melhoria do nível de vida para todos, e não só para alguns, por muitos que esses já possam ser.



Sumário

2

Editorial	- 3
Associado, participa	2
Comemorações do 25 de Abril de 1988	3
O 25 de Abril na Assembleia da Repú-	
blica	3
Almoço convívio na Cova da Piedade	4
intervenção do Presidente da Associação	
25 de Abril	4
Comemorações Populares	5
Intervenção do Presidente da Associa-	
ção 25 de Abril	5
Entroncamento	7 2
Europa	7
Aveiro	ti
Intervenção do Brigadeiro Pezarat Correia	8
Algarve	10
Viseu	11
Açores	11
Convites à A25A durante o período das	
Comemorações do XIV Aniversário do	
25 de Abril	12
Guimarões	14
Convites recebidos	14
Apelo aos associados	14
Ofertas de livros à A25A	14
Quotas	14
Vamos aprender bridgel	15
Centro de documentação	16

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE:

Associação 25 de Abril

Rua Luís de Camões 47 2795 Linda-a-Velha

DIRECCÃO:

João Caiado Gago Falcão de Campos

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: Tipografia-Escola da ADFA R. Artilharia 1 Telef. 65 35 93 Lisboa

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

TIRAGEM:

5000 exemplares

ENDERECOS:

Associação 25 Abril R. Luís de Camões, 47 2795 Linda-a-Velha

DELEGAÇÃO DO NORTE Apartado 678 4012 PORTO DELEGAÇÃO DO CENTRO

Apartado 3041 3000 COIMBRA

NôCLEO DO ALENTEJO Rua Bernardo Santareno, n.º 2 Bairro das Nogueiras

7000 ÉYORA

ASSOCIADO, PARTICIPA

- A vida da nossa Associação tem-se desenvolvido à custa de um Secretariado permanente (duas funcionárias e dois assessores para o Secretário e Tesoureiro) e atravás de reuniões semanais dos elementos da Direcção, os quais exercem a sua actividade gratuitamente.
- Perante as carências de natureza financeira que já são de todos conhecidas, não é possível contratar mais pessoal para dar resposta às solicitações que se nos colocam.
- Julgamos no entanto não ter ainda esgotado as verdadeiras potencialidades associativas, que se poderão encontrar na disponibilidade de tempo de alguns associados para a efectivação de algumas tarefas, em regime de voluntariado.
- São as seguintes as áreas de actividade em que a participação dos associados poderá ser de especial importância:
 - Análise de imprensa
 - Análise de inquéritos promovidos pela A25A
 - Verificação de listagens
 - Trabalhos de informatização
 - Organização de colóquios ou outras iniciativas culturais
 - Organização das Comemorações do 15.º Aniversário
 - Actualização de estatutos
 - Representação da A25A
- Horário de funcionamento da Associação:
 - Dias úteis Das 9.30 às 17.30
 - Sábados, Domingos e Feriados a combinar com o Secretariado
- Associado, contacte-nos e informe-nos da sua disponibilidade.
- A participação tem de ser a base essencial da nossa vida associativa.

Gravura da capa: João Luis

O 25 DE ABRIL NA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Respondendo ao honroso convite do Presidente da Assembleia da República, dirigido aos membros da direcção da A 25A, para assistirem à reunião solene comemorativa do 25 de Abril, nela participaram todos os que se encontravam em Lisboa naquela data, assim como outros associados da A25A, na sua qualidade de ex-conselheiros da Revolução

Com a devida vénia, transcrevemos do «Diário da Assembleia da República» os passos das diversas intervenções que se referem explicitamente aos militares de

Do Sr. deputado João Corregedor da Fonseca (ID)

... Hoje, nesta solene sessão, na Assembleia da República e em todo o País, os defensores da democracia e do 25 de Abril comemoram a passagem de mais um ano sobre a data histórica. Isso, porém, só se torna possível pela accão então desenvolvida pelos capitées de Abril, alguns dos quals aqui presentes, por direito próprio e inalienável, nesta Câmara,

Neste momento quero saudar os representantes dessa pléiade de militares que tão dignamente souberam iniciar o processo histórico de conduzir Portugal para os caminhos da liberdade e da democra-

Ao saudá-los desta tribuna, não posso deixar de lamentar o facto de aos militares de Abril estar a ser dado um tratamento inedmissivel, surpreendente mente discriminados por aqueles que, sem nunca terem lutado pela democracia, beneficiando contudo da democracia instaurada, teimam em não aceitar os valores profundamente humanistas defendidos pelos militares de Abril, a quem injustamente marginalizam...

Da Sr.: deputada Maria Santos (Os Verdes)

... Srs. Capitães de Abril, contem como foi!

Contem, para que se salba como o sonho rompeu a janela e ganhou a reali-

Contem a história bem contada, para que se saiba dos anseios a correr nas ruas, das mãos que se davam e dos olhares que se ofereciam..

Contem, para que não haja fronteiras entre o passado e o futuro.

Contem aos jovens de hoje o que outros jovens em Abril descobriram e, para isso, não tenham medo e busquem as palavras do poeta:



De súbito a cidade parece banhada de alegria

estamos iuntos meu Amor possessos da mesma ira justiceira Damos as mãos como dois jovens namorados

e sorrimos felizes è dece primavera acontecida no magoado coração da pátria.

Contem! Mas não deixem que outros ponham corrosão nas palavras e nos conceitos, na esperanca e na realidade. Não deixem que outros adulterem a nossa me-

Digam dos homens e das mulheres que vieram de «longe, de muito longe» e se reencontraram em torno de um projecto social que recuperou a dignidade do povo portugués.

Digam-lhes que foi apenas o comeco!

Porque Abril foi para nos uma porta, uma viragem: um momento que ganhámos. Não o fim de uma viagem.

Digam aos jovens de hoje que outros jovens ontem descobriram que era possível ajudar a construir uma sociedade. Que foi bom saber do Portugal pleno e verdadeiro que existia para além dos muros e das grades.

Do Sr. deputado Basilio Horta (CDS)

.. thomenagear os homens generosos que, com coragem e risco, mas também com a simplicidade das flores com que calaram as espingardas - e essas flores podiam ter várias cores, e não apenas o vermelho e o laranja, que hoje, em exclusivo, ornamentam esta Assembleia -,...

...tornaram possivel, assim, com essa simplicidade, o 25 de Abril...

Do Sr. deputado Hermínio Martinho (PRD)

. Este «pesadejo» acabou a 25 de Abril de 1974 - e acabou, nunca será de mais recordá-lo e acentuá-lo (até porque alguns, e com especiais responsabilidades, o parecem ter esquecido, se não nas suas palavras, pelos menos nos seus actos...). acabou graças aos generosos «capitães de Abrila. Por isso, o PRD saúda, e entende que todos devemos saudar, todos os homens do Movimento das Forcas Armadas que tornaram possível o derrube da ditadura e a construção da democracia, saúda, e entende que todos os devemos saudar, desde os anónimos construtores desse grande dia aos que nele tiveram posição do relevo ou liderança, quaisquer que tenham sido os caminhos que depois seguiram, e que simbolizamos nos capitães de Abril aqui presentes.

Não esquecemos, nem esqueceremos tamais, o que Portugal e todos nós lhes devemos! E sentimo-nos na especial obrigação moral de o pôr em destaque, quando muitos militares de Abril têm sido vitimas, desde há bastante tempo, não só e apenas de reiteradas faltas de gratidão e atenção, mas até de formas de tratamento, quando não persecutório ou discriminatório, pelo menos, e sem prejuízo de valores que ninguém mais do que eles defende, incompatíveis com o estatuto de dignidade que é necessariamente o seu. Valores de dignidade, liberdade e humanidade por que lutaram, valores também de fidelidade à democracia e à palavra dada. Assim, os «capitães de Abril» derrubaram a ditadura, abriram as portas à democracia, que sem eles não teria sido possível, ajudaram a construir e consolidar o regime democrático, não quiseram

(Continua na pág. 7)

ALMOÇO-CONVÍVIO NA COVA DA PIEDADE

O almoço-convivio comemorativo do 14.º Aniversário do 25 de Abril teve este ano lugar na Cova da Pledade, no dia 30 de Abril, utilizando para isso as instalações amavelmente cedidas pela Sociedade Filarmónica União Artistica Pledense. Participaram cerca de 1 500 pessoas, entre aócios, apoiantes e convidados,

O almogo-convivio foi precedido por uma cerimónia de deposição de uma coroa de flores no Monumento aos Perseguidos pela ditadura, em Almada, e de actividades recreativas destinadas às crianças, nas imediações do local do almoco.

Foi generalizada a opinião que este ano houve uma acrescida participação neste convivio, não só traduzida pelo maior número de pessoas presentes, mas também pelo entusiasmo que presidiu a toda a reunião, e pela satisfação generalizada pela forma como tudo decorreu.

O Presidente da Direcção da A25A, ten-cor. Vasco Lourenço teve uma intervenção que se transcreve na integra neste holetim.

Foram recebidas várias saudações durante o almoço, de associados que impossibilitados de comparecer, quiseram manifestar o seu apoio, assim como da Junta de Freguesia da Cova da Piedade, dos militares dos QP de RMSul, dos Sargentos que se reuniram no mesmo dia 30 no Clube Desportivo Piedense, etc.

Foram igualmente trocadas lembranças entre a A25A e a Presidente da Câmara de Almada, autarquia que colaborou nas celebracões.

Como sempre, no final do almogo, foi cantada a «Grandola, Vlla Morena» por todos os presentes, encerrando-se o convívio com o entoar do Hino Nacional.



INTERVENÇÃO DO PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO 25 DE ABRIL

Mais uma vez nos reunimos para comemorar o edia inicisl, inteiro e limpo, onde emergimos da noite e do siléncio» (como de forma feliz e sublime o definiu Sonhia de Melo Brevner).

Quisemo-lo fazer, começando com uma pequena mas significativa homenagem aos perseguidos pela ditadura, então derrubada, que, pela sua acção de luta, contribuiram de forma decisiva para que o 25 de Abril fosses possível.

Evocamos o 25 de Abril como data do presente, como projecto de futuro. A liberdade nunca é um facto do passado; a democracia nunca é um valor cumprido.

Amigos e associados

A história é sempre do presente. Por mais afastados que possam ser os factos, a sua história é sempre de hoje. São do presente os princípios, a ética, as lutas, os progresoss. E são do presente, também as manipulações, as injustiças, os oportunismos. E tudo de hoje. Os nossos ideais e as nossas agruras; os nossos sonhos e os nossos desesperos; a nossa determinação e as nossas dúvidas.

Nós não somos do passado. Por mais vontades que se conjuguem na tentativa de nos arrumar na galeria da história cronológica, nós estamos vivos. E connosco está viva a liberadade e a vontade de ser livre; connosco está viva a democracia e a resistência à sua eventual destruício.

Eu não duvido que uma societade viva, dinâmica, movimentada, perguntadora, incomode os adeptos do imobilismo, da chistória vista como passado», da ordem e da «normalidade». Mas nõs não nascemos para lhes fazer a vontade.

Jã o demonstrámos quando, enfrentando e derrokando a subserviente e incapaz
«Elrigada do Reumático», digarficâmos
as Forças Armadas, ao retirar-lhes a
condição de suporte último do regime ditatorial. Efredivamente, não lhes fizemos
a vontade, quando soubemos interpretar
o querer do nosa povo, que se aos juntou
de imediato, numa acção libertadora que
teve como programa o derrube da autovidade antidemocrática e a recuperação, por esse mesmo povo, dos valores
essenciais das sociedades moderans: a literdade, a democracia, a justiça, a cidadanfa e a digridade.

Acção que teve como consequência primeira o resgatar da honra e da dignidade da instituição militar perante os porturueses e o mundo.

Lamentavelmente, em vez de reconhecerem o mérito e a virtude dessa accão glorificadora, há agora, de entre os responsáveis máximos das Forcas Armadas. quem, de forma oportupistica, procure confundir e baralhar os actos e os actores e pretenda dar a entender que as «Forças Armadas» deles, é que foram responsáveis pela libertação do povo português, ao não se oporem ao que chegam a classificar, despudoradamente, de cacto de rebeldia». Assim, pretendem lavar a imagem e apagar as responsabilidades de quem, em vez de dignificar a instituição militar, a transformara antes num objecto ao serviço de um poder ilegítimo e opressor. De quem, no momento decisivo, em vez de se bater pelos seus compromissos, se acobardou de forma inqualificável.

Tais atitudes tornam-se, aliás, mais precoupantes quando se lhes juntam análises incorrectas e distorcidas do passado e afirmações injuriosas e injustas
quanto ao presente. Com efeito, há algum sentido em atribuir os valores e os
ideais que em Abril desabrocharam, e
pelos quais lutámos e lutamos permanentemente, a um grupo minoritário, em
identificar estes ideais com qualquer sector da sociedade, cometendo, além do
mais, o abuso de excluir os cutros sectores?

Há alguma lógica em relacionar os principios democráticos com uma minoria da sociedade?



Não se poderá mesmo aperceber, no intuito de certos democratas recentes a apropriação de valores que outros sempre defenderam coerentemente, em es pecial, quando foi necessário?

Só faltava, agora, que eles nos quisessem vir dar lições de ética, moral, dignidade e patriotismo!...

Caros amigos e associados.

Será preciso expliear o que significa o 25 de Abril? Será preciso explicar melhor porque estamos aqui presentes? Será preciso explicar melhor porque consideramos que o 25 de Abril não está cumprido?

A luta é de hoje e é de sempre. Só na divergência, na participação, na alternativa é que se constról a liberdade. é que se alicerca a democracia, é que se torna possível a justica social. Nós optaremos sempre pela presença, mesmo que possa ser considerada incómoda; optaremos sempre pela participação, mesmo que haja quem a considere despropositada: optaremos sempre pela interrogação, mesmo que não queiram ou não saiham responder-nos.

Oaros amigos e associados.

A A25A é e continuará a ser um instrumento de participação nesta sociedade viva que desejamos construir; nesta sociedade em que a cultura se erga ao nível das prioridades sociais; em que o associativismo se implante como demonstração de vitalidade dos portugueses.

A A25A tem que transformar-se num instrumento contra a indiferença, o comodismo, a adaptação.

A A25A tem que ser exemplo.

Ocupamos um espaço que nos pertence, Porque nos inserimos numa sociedade livre, porque nos associamos para um objectivo comum, porque estamos possuídos da vontade necessária à realização dos seus fins estatutários.

Mas o pior inimigo da nossa associação é a indisponibilidade dos seus próprios associados: é o esquecimento dos deveres assumidos inerentes ao compromisso de adesão: é o afastamento das suas aotividades e das suas iniciativas.

Essas atitudes, desculpemme dizê-lo com toda a frontalidade, são o mais precloso aliado daqueles que muito desejam fecha r-nos todas as portes.

A A25A tem as potencialidades que todos lhe reconhecem. Mas só as pode concretizar se for uma associação de todoe

As nossas iniciativas só têm sentido se forem participadas; os nossos projectos só podem realizar-se se tiverem apoio: a nossa expansão só será um facto quando nos habituarmos a considerar a A25A como um espaco necessário, como um agente cultural expressivo, como um prolongamento dos nossos anseios de realização cívica e associativa.

Teremos então suporte para afirmarmos a nossa presença, para influenciarmos a reflexão social, para cumprirmos o nosso projecto cultural.

Veremos crescer junto de nós a capacidade de discernir, a vontade de alargar horizontes, a compreensão dos nossos

Teremos connosco os amantes da liberdade, os que cultivam a solidariedade, os que fazem da dignidade a matriz do seu comportamento, os que não temem a mudanca, nem o progresso, nem a cultura.

Seremos então procurados pela juventude deste País, desperta pela nossa ousadia, curiosa pela nossa forma de estar, aberta às nossas propostas de participacão.

Tornarnos-emos então numa verdadeira Associação 25 de Abril.

> VIVA O 25 DE ABRIL VIVA PORTUGAL

VASCO CORREIA LOURENCO

COMEMORAÇÕES POPILI ARES

à semelhanca dos anos anteriores a A25A foi convidada a participar nas Comemorações Populares do 25 de Abril no Distrito de Lisboa, no âmbito das quais se realizaram inúmeras manifestações, comícios, sessões solenes, colóquios, espectáculos, exposições, corridas da Liberdade e outras manifestações desportivas, etc., numa inequivoca prova de vitalidade e de apoio popular às comemorações do 25 de Abril. Destaça-se em particular a realização em Lisboa, no dia 25, de um desfile que desceu a Avenida da Liberdade e a que se seguiu um comício no Rossio, com a participação de muitas dezenas de milhar de pessoas, que quiseram assim manifestar a sua adesão ans ideais do 25 de Abril

Intervieram no comício vários oradores. tendo encerrado as saudações e intervencões o Presidente da Direcção da A25A. ten .- cor. Vasco Lourenço, cuja intervencão se transcreve nestas colunas.

INTERVENÇÃO DO PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO 25 DE ABRIL

Falo-vos em representação da Associacão 25 de Abril, como de outras vezes o tenho feito: falo-vos, igualmente, como Milttar de Abril, qualidade que me orgulho de ostentar: falovos, hoje, como cidadão, no pleno uso de todos os direitos, liberdades e garantias só possíveis, como bem sabeis, com o 25 de Abril.

Hoje, como há um ano, como desde o 25 de Abril de 1974 venho fazemdo, reafirmo, com a mesma convicção, com a mesma certeza, com a mesma verdade, a posição fulcral dos militares de Abril:

- Se for preciso, se a democracia for posta em causa, se o regime democrático for ameacado, os militares de Abril, tal como os outros portugueses de Abril, lutarão directamente pelos ideais de Abril.
- Lutarão permanentemente pela democracia, pela liberdade, pela justiça social. Há nesta afirmação de principios, alguma novidade? Há nesta afirmação de princípios algum motivo de preocupação, seja para quem for? Há nesta afirmação alguma opção partidária?
- Não se dizem os partidos políticos portugueses, todos aqueles que desempenham um papel social activo. filhos do 25 de Abril e movidos pelos

(Continua na pag, seguinte)

(Continuação da pág. anterior)

grandes objectivos de Abril? Porque pretendem, então, evitar que os homens de Abril assumam publicamente as suas posições? Porque temem então que nós estejamos prontos a defender a liberdade? E porque não estão todos presentes nestas comemorações populares?

- Temerão que lhes recordemos os seus erros de visão? Que lhes gritemos as suas promessas não cumpridas? Que lhes enumeremos os compromissos, as atitudes, os actos que nos parecem ultrapassar os limites da convivência política, da clareza de intenções?

A nossa presenca aqui, não pode ser entendida como uma atitude de oposição a qualquer poder conjuntural. Porque ela é, sim, uma afirmação da nossa vontade de defesa dos valores da liberdade, da democracia, da justica social.

E uma coisa desejamos deixar clara. Diremos exactamente as mesmas palavras sempre que as circunstâncias o exiiam; sempre que as desigualdades sociais seiam gritantes: sempre que a fome ameace portugueses; sempre que a exploração do trabalho infantil e os salários em atraso sejam práticas correntes; sempre que as perspectivas para a juventude se esfumem na demagogia propagandeada pelo poder; sempre que se tente catalogar os portugueses como cidadãos de primeira ou de segunda, de acordo com as suas opções ideológicas; sempre que se cultive e alimente o mito do inimigo interno; sempre que o poder politico se subordine, cada vez mais, ao noder económico; sempre que se contrarie o esforço de desanuviamento internacional; sempre que a justiça social seja postergada para objectivo secundário da actuacão do poder.

Estou aqui como militar de Abril Preocupado. Não só porque, sendo-o, me senti inadaptado nas Forças Armadas a que regressel há 5 anos e que acabo de abandogar, mas porque sei que outros militares de Abril fá me haviam precedido e ainda outros o poderão fazer a breve prazo. È certo que tal opcão poderia não constituir em si, um grande motivo de preocupação, na actual situação democrática resultante do 25 de Abril-Mas o facto não é mais do que um sintoma da situação, que os militares de Abril vivem, no seio da instituição que lhes deveria estar permanentemente grata, porque através deles viu resgatada a sua honra e a sua dignidade perante os portugueses e o mundo. Com efeito, de há muito que os militares de Abril ai vêm sofrendo problemas de perseguição tentativas de marginalização e provas de desconsideração, reflexo aliás do procedimento de políticos, incluindo altos responsáveis, que enchendo a boca com os ideais e os militares de Abril, os têm ignorado a cada passo

Os militares de Abril não podem, não aceitam ser tratados como espúrios, como importunos, como se estivessem a mais

Pretendem encarar nos como se o termos participado no 25 de Abril constituísse uma anátema: se o termos lutado pela libertação, fosse uma nódoa; se o termos contribuido para a instauração do regime democrático, fosse motivo de desconfianca.

As Forcas Armadas necessitam de ser confrontadas com a democracia, necessitam de se expor à liberdade; necessitam de ser responsabilizadas, pelo que fazem e pelo que não fazem, pelo que gastam e pela forma como o fazem.

Os altos responsáveis militares têm que reestruturar as Forças Armadas,

para que airvam o povo português e não para que se transformem, ainda que gradual e paulatinamente, numa qualquer guarda pretoriana de um quaiquer poder politico; os altos responsáveis militares têm que se preocupar em ser os comandantes das Forças Armadas, procurando representá-las nas suas justas e legitimas aspirações e não assumirem o papel de prolongamentos do Governo junto dos militares, mesmo que para alguns isso possa constituir impedimento para uma mais que discutivel candidatura ao número dos agraciados com as escandalosas e imorais pensões vitalícias que o Governo vem atribuindo, num processo que ofende a deontologia militar e os princípios da ética.

Amigos, Companheiros e Camaradas. Como militar de Abril e cidadão de um País livre, preocupa-me que nos queiram intimidar e se alvorocem tanto com a nossa reunião para comemorarmos o 25 de Abril. Fazemo-lo com a alegria da recordação dessa data gloriosa, mas fazemo-lo também com a afirmação da certeza de, no futuro, continuarmos a defender com firmeza que os valores da liberdade, da democracia e da justica social se pratiquem, de facto, em Portugal.

Por muito que alguns queirsm, não conseguirão obrigarnos, a nós portugueses de Abril, a nos portugueses, a calar as nossas angústias, a calar o nosso sofrimento, a calar a nossa divergência. E a pergunta que faco é esta

- Têm medo?
- Será que têm medo que usemos os nossos direitos?
 - Terão medo que sejamos livres? - Têm medo de viver em democracia?
- Não, meus amigos, não nos calaremos O medo de falar, primeiro medo que começa a instalarse na sociedade portuguesa, é o primeiro medo que nós temos de derrubar. «Falar, poder falar; comu-



COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL DE 1988

nicar, poder comunicar; informar, poder informar; discutir, poder discutir; discordar, poder discordar; opinar, poder opinar; questionar, poder questionar — essa 6 a primeira base da liberdade.

Quando se fala sem ouvir, se opina sem auscultar, se questiona sem ser questionado, estão-se a corromper os princípios da democracia, a iludir as bases da liburdede.

Para nós, as coisas são muito simples e muito claras: ou há diálogo, ou há participação, ou há abertura, ou há frontalidade, ou pressentimos os vícios, as habilidades, os oportunismos, a corrupção.

Democracia é construção permanente, é aprendizagem contínua, é o respeito pela diferenca.

Quando a crispação se substitui à eerenidade, quando a ameaça emerge do confronto democrático, quando o silêncio responde às perguntas, então a liberdade é já uma palavra vá, a democracia é um ideal a desfazer-se, a justiça é um concetto de pouo conteádo.

E não pretendam confundir-nos: a realização de progressos no campo da segurança e do bem estar não significa, necessariamente, o reforço da justiça social. Esta constitui, em si próprio, um objectivo nacional independente, objectivo que, aliás, tem sido persistentemente escamoreado.

A prática democrática não pode ser encarada como se de perder tempo se tratasse.

Queremos que exista democracia. Mas queremos, sobretudo, que se pratique democracia

A democracia tem as suas regras. Quem as aceita é democrata; quem ss recusa, está a servir-se da democracia. Vai-se fazer a segunda revisão da Cons-

tituição Desaparecidas as razões, algumas, infelizmente, de natureza pessoal, que transformaram a anterior revisão num acto de provocação gratuita e injusta desconsideração aos militares de Abril, confiemos em que a Assemblela da República satha evitar que os adversários de Abril consigam despojar a Constituição das normas que a tornam ainda, como o principal instrumento da defesa dos valores de Abril.

Mas se tudo isto é claro para mim, só encontro uma forma de renovarmos a esperança, de fortalecermos a luta — é participar, estar presente, unir esforços, denunciar, exigir.

Por isso, a minha última afirmação, o meu último apelo nesta intervenção:

— Que todos aqueles, capazes de estar agui, em presença ou em espírito, em unidade, a comemorar o 25 de Abril, sejamos também capazes de, em unidade, contribuir para a consolidação dos valores democráticos em Portugal.

VIVA O 25 DE ABRIL VIVA PORTUGAL VASCO CORRETA LOURENCO

ASSEMBLEIA DA

(Continuação da pag. 3)

o Poder para eles, não se autopromoveram para sempre — e bem o podiam ter feito —, regressaram aos quartéis, submetendo-se democraticamente ao poder político.

Só que, quer parte desse poder político, quer uma certa hierarquia que parcee não lhes perdoar terem feito o 25 de Abril, em vez de, também ao nivel militar, lhes fazerem a justiça que lhes é devida, procederam de tal modo que hoje vemos fora das Forças Armadas parte significativa daqueles que mais se distinguiram na Revolução de 1915.

Do Sr. deputado Maia Nunes de Almeida (PCP)

Os catorze anos passados não nos fazem esquecer a homenagem devida e justa aos capitões de Abril, que na sua gesta heróica liquidaram a mais velha ditadura da Europa, pondo fim ao mais velho império colonial do Mundo.

Nesta homenagem queremos também, manifestar a nossa preccupação solidária a todos os que são discriminados precisamente por que fizeram Abril, lutaram por ele e com ele se continuam a identificar...

Do Sr. deputado Jorge Sampaio (PS)

E por isso e por muito mais que jamais esqueceremos os capitães de Abril, a quem prestamos comovida homenagem. Não é uma frase de retórica, mas um sentimento profundo...

Do Sr. Presidente da República

--- Mais grata afirmação que se pode fazer, neste dia em que se cumprem catorse anos sobre o reencontro de Portugal com a liberdade, é a de que o 25 de
Abril não é uma efeméride do passado, que careça de ser ressuscitada ritualmente em cada aniversário, mas antes
um ideal que se mantém vivo e actuante na consciencia dos Portugueses e a que a grande maioria continua indelevelmente

E sempre com muita alegria que assinamos uma data que hoje pertence ao património histórico portugués e que guardamos preciosamente na memória e no coração. Saudar os que a tornaram possível— e em especial os militares de Abril — é, assim, um acto de elementar justica.

ENTRONCAMENTO

Como já vem seado habitual de há 3 anos a esta parte realizon-se no Entron camento um almoço de confratersização comemorativo do 14.º Aniversário do 25 de Abril, organizado mais uma vez pela Comissão Pró-Delegação da A25A no Entroncamento.

Presentes cerca de 170 pessoas, na sua maioría militares e familiares residentes na área, além de alguns civis apoiantes ou amigos da A25A, assim como um representante da Cámara do Entroncamento. Após as diversas intervenções alusivas â data em comemoração, actuou um grupo de música popular de Riachos,

EUROPA

BRUXELAS - AMESTERDÃO

As Comunidades de Emigrantes no estrangeiro continuam a festejar o 25 de Abril com o calor e o entudasmo dos primeiros anos, sendo esse um elemento de referência e afirmação, funcionando como factor de identidade nacional de que muito se orgulham.

Foi assim que o Conselho das Associações dos Emigrantes Portugueses, em Bruxelas, comemorou o 26 de Abril com um espectáculo num museu cedido pela municipalidade, a que se seguiu um jantar que participaram cerca de 800 pessoas. Igualmente em Amesterdão, a Associação dos Portugueses de Amesterdão realizou um debate e um espectáculo em que estiveram presentes cerca de 300 pessoas. A A25A fez-se representar em ambas

A A25A fez-se representar em ambas as comemorações pelo seu associado Martins Guerreiro.

HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DE PORTUGAL

No dia 25 de Junho, sábado, realiza-se na nossa sede uma sessão de autógrafos da

História Contemporânea de Portugat.
Estarão presentes o director da obra,
Professor João Medina e outros colabora-

A Delegação do Centro da A25A, fez este ano incidir as comemorações do 25 de Abril na cidade de Aveiro com o apoio dum grupo de sócios da Associação, assim como de organismos culturais.

Na noite de 24 de Abril realizou-se um espectáculo popular com a presença de Carlos Mendes, um grupo de Fados de Coimbra e Manuel Neto, que cantou um poema inédito musicado por Adriano Correia de Oliveira. As 24 horas e com a presença de elementos da A25A, prestou-se homenagem a Carlos Ary dos Santos, Adriano C. Oliveira, Joaquim Namorado e José Afonso.

No dia 25 da parte da manhã realizaram-se provas desportivas, artes plásticas com a exposição de pinturas sobre o 25 de Abril feitas por jovens e teatro de fan-

toches pelo grupo CETA.

Ao mesmo tempo decorreram duas romagens às campas de Mário Sacramento e Alvaro Seiga Neves. As 15 horas decorreu na Cantina da Universidade um almoço ao qual estiveram presentes mais de 300 pessoas, sendo de destacar o Reitor da Universidade, Dr. Costa e Melo, Eng.º Manuel da Costa, Mário Castrim, Dr. Orlando de Carvalho, Prof. Ivo Cortesão, Brigadeiro Pezarat Correia, etc., etc. Durante o almoço foi apresentado o novo livro do Brig. Pezarat Correia, «Centurices ou Pretorianos», seguindo-se uma sessão de autografos.

Seguiu-se uma sessão solene da Câmara Municipal com a presença de autarcas e muito público, tendo usado da palavra Pezarat Correia. Na Praça da República decorreu um espectáculo musical com a presenca de Dora Leal, Rancho Folció-

rico, José Viana e um grupo rock.

Carlos Duarte (Apoiante da A25A)

INTERVENÇÃO DO BRIGADEIRO PEZARAT CORREIA

EVOCAÇÃO PRÉVIA

Foram feitas aqui, em forma de apresentação, referências biográficas à minha pessoa, que agradeço, mas me impõem dever de começar por fazer duas referência, que são dois actos de justiça.

A primeira é que as referências elogiosas que me fiseram, como capitão de Abrils, condição de que muito me orgulho, apenas deve ser entendida como, simbolicamente, centrando na minha pessoa uma qualidade que me transcende, porque respeita a muitos outros camaradas, alguns até porventura com actuações mais decisivas para o éxito do 25 de Abril, mas que por razões diversas não foram tão projectados para a ribaita da vida pública. A eles estendo portanto eata chomenagems aos «capitães de Abril»

A segunda é que, ao elogiar-se a accão dos que mais directamente intervieram no «25 de Abril», não se deve esquecer o papel daqueles que os precederam e que, com a aua luta, com o seu sacrifício. mantiveram viva a chama que alimentou os ideais que em Abril de 1974 puderam finalmente concretizar. Este acto de justiça é particularmente oportuno aqui, em Aveiro, Cidade dos Congressos Republicano e da Oposição Democrática, marcos importantes da luta contra a ditadura, e esses homens que invocamos, podemos fustamente referenciá-los nas figuras de Mário Sacramento e Alvaro Seiça Neves, filhos desta cidade e vultos respeitados da luta pela liberdade.

A eles, também as nossas homenagens. 8 anos depois de aqui ter estado, nesta mesma cidade, a festejar convoso o 6.º aniversário do 26 Abril, jornada que para mim permanecerá inesquecivel até porque marcou o início de um fecundo relacionamento com alguns dos que permanecem entre os meus bons amigos, aqui estou de novo.

Mas hoje, esta cerimónia, inserida num programa vasto e rico, tem um acrescido significado que importa assinalar.

Não apenas porque decorreram alguns anos de intensa vida política e social, com aigumas transformações significativas na nossa sociedade, quase sempre pouco favorávels para os ideais de Abril. Também não apenas porque aiguns dos que mais empenhadamente dinamizaram a festa do 6.º sniversário, em coerência com o carinho e a paixão com que receberam o «25 ABRIL», porque nele viram convergir os anselos das suas vidas de luta pela liberdade, já hoje não estão aqui connosco, sujeitos que foram à fria determinação da implaçãvel lei da vida. E nuito menos porque seja hoje menor o nosso apego ao «25 ABRIL», a nossa :dentificação com os seus ideais, o nosso compromisso com os seus objectivos.

A diferença reside na génese das comissões que presidem a estas cerimónias, na orgalzação do programa, na responsabiidade da sua concretização.

O facto de estas jornadas se desenrolarem no âmbito das comemorações promovidas pela A25A, dinamizadas pela sua Delegação Centro, que assim dá resposta à disposição da Associação para descentralizar as suas actividades, e o facto também de essa dinamização ter contado com a colaboração de accios e apoiantes, em que estes assumiram plenamente a sua condição de membros actuantes, é uma facto novo e deve constituir um exemplo que não pode perder-se:

A A25A atravessa momentes dificeis, em grande parte resultantes da pressão externa que lhe é movida, mas também porque no seu interior se reflectem alguns problemas complexos que decorrem da condição militar dos seus sócios

Por laso tem sido ultimamente sugerido — e foi-o mesmo na última AG — a necessidade de a Associação repensar os esus Estatutos, nomeadamente quanto à distinção entre sócios e apoiantes, na convicção cada vez mais ampia de que a abolição desta distinção e a plena integração de todos numa mesma condição, com iguais direitos e deverse, poderá tra-zer para a Associação um enriquecimento, um dinamismo, um alargamento, uma criatividade, que a breve prazo se traduxifa om reals beaeficios.

Creio que estes actos comemorativos ado um excelente sinal e, como tal, devem ser encarados e aproveitados como um exemplo a seguir, e como um contributo decisivo para as oppões que a Associação, mais tarde ou mai; cedo, terá de fazer, Esperemos que suficientemente cedo, para que não venha a ser tarde de mais.

Quando anualmente se aproxima a data do «25 ABRIL», é frequente e natural uma intensa solicitação aos militares do MFA, particularmente àqueles que normalmente estáto maís disponíveis ou vocacionados para a participação civica, através de convites para entrevistas, colóquios, ou outras formas de intervenção e reflexióa cobre o «25 ABRIL».

- * -

Neste ano e perante a situação concreta que se vive em Portugal, tem sido frequente ver colocada esta questão: «14 anos depois, o que é hoje o 25 ABRIL?»

Consideraudo que de facto, volvidos 14 anos, o «25 ABRIL» tem já um passado, tem obviamente um presente e terá seguramente um futuro, talvez seja esta uma pista motivadora, para nos fornecer o tema de reflexão nesta oportunidade.

Recordemos, sem intenções saudosistas e mesmo correndo o risco de cair um tanto no lugar-comum, os e3 D» que configuravam o Programa do MFA: DEMO-CRATIZAR, DESENVOLVER, DESCOLONIZAR. Nestes e3 D» concentrava-se a globalidade dos grandes problemas que uma revolução, querendo-se ti-

bertadora e virada para o futuro, tinha de atacar, em resposta aos bloqueios que os 48 anos de ditadura tornaram inevitáveis. Tratava-se de encontrar formas legitimas de poder político e autárquico, de participação cívica dos cidadãos, de liberdade de expressão, de associação e de exercício dos direitos sindicais, de aproveibamento dos nossos recursos humanos e materiais com a preocupação da justica social, de correcção das distorções dos rendimentos, da universalização do direito à cultura, à educação, à saúde, à segurança social, do fim da guerra colonial e do direito à independência dos povos das colónias.

Que imenso programa e que enorme mensagem de humanismo nele se continha!!

Que significado terão hoje, então, na realidade da sociedade em que vivemos, os «3 D» do Programa do MFA? Que concretização tiveram os sonhos contidos naquela «pedra filosofal»?

E certo, é evidente, mesmo para os mais pesaimitatas, que vivemos hoje numa so-ciedade diferente da de 24 de Abril de 1974 e que essa diferença é para melhor. Mas penso que é legítimo, e que também nem os mais optimistas contestarão, que a comparação não so faças apenas entre o que fol e o que é, em excessivas exigências, admitimos que pudesse ou devoses ser. E este segundo plano de comparação talvez não se nos apresente já tido favorável.

A DEMOCRACIA, tende hoje cada ver mais a ser interpretada pelos detentores do poder, como um direito que apenas assiste aos cidadãos nos espaçados actos eleitorais, sendo no tempo restante, que afinal é quase sempre, muito mais um direito condicionado e no essencial delegado e transferido para os órgãos do poder central.

Admitem que os direitos existem e que é bom que existam, mas com a condição de que não sejam exercidos: O direito à informação subtilmente manipulado, os direitos sindicais descaradamente condicionados e reprimidos, os direitos de expressão silenciados nos grandes órgãos de comunicação social. Importantes órgãos de controlo e descentralização do poder, como os Conselhos de Comunicacão Social, diversas formas de opinião, as autarquias, provedorias ou auditorias, são objecto de campanhas de descrédito para esvazisrem a sua capacidade interventiva. È a subversão do conceito fundamental da separação de poderes, com uma evidente hegemonia controladora do executivo, que utiliza a sua maioria na AR para tornar esta uma mera instàncla ratificadora das suas decisões, invertendo a hierarquia institucional, e que se permite tgnorar arrogantemente acor-



dãos dos Tribunais que contrariam os seus actos administrativos. Subversão esta que é portadora de perigosos germens de descrédito destes órgãos de soberania, com os inerentes riscos de alimentarem a ideia de que as potencialidades do sistema se concentram afinal exclusivaumente no governo.

O DESENVOLVIMENTO foi o vector que encontrou menos resposta na dinamica gerada pelo 25 ABRIL». Pactores exógenos de crises internacionats, mas também factores internos quaes sempre relacionados com bloqueamentos ao modelo de desenvolvimento definido pela Constituição, debxaram que se arrastasse uma crise com reflexos sociais muito negativos, especialmente traduzdos nas altas taxas de inflacção, no desemprego e emprego procário, nos salxos salários muitas vezes por pagar, na juventude an gustada na bueva do primero emprego, nustada na bueva do primero emprego, pustada na bueva do primero emprego.

Só a partir de 1985, com a convergência de uma série de faetores que favoreceram a conjuntura económica externa, se desenharam alguns índices razoáveis de crescimento, mas que não pode deixar de ser encarado com reservas. É sabido que crescimento não é o mesmo que desenvolvimento e o que se tem verificado é a exclusiva preocupação de referenciar os indices de crescimento aos dos países ricos da CEE, desprezando a definição de uma estratégia de desenvolvimento que tenha em conta a nossa especificidade estrutural e cultural e as nossas vocações históricas para um relacionamento eficaz com outros povos do mundo. A CEE tem servido de álibi artificial para contrariar algumas opções que decorreram da RE-VOLUÇÃO DE ABRIL, o que legitima receios de agravamento dos distanciamentos entre grupos sociais e de agudização de tensões, condições que contrariam o que deva ser uma estratégia de desenvolvimento que sirva os interesses do povo português no seu conjunto e não apenas os de alguns grupos ou sectores económicos

Por último a DESCOLONIZAÇÃO, que na fase que imediatamente se seguiu ao «25 ABRIL» teve expressão no fim da guerra colonial e nos processos que conduziram as independências das colonias, deveria ter hoje continuidade através de uma política de cooperação efficaz, ousada, inteligente, que aproveitasse as nossas reals potencialidades nesse dominio.

De facto, a cooperação deverá ser o conceito actualizado da descolonização. Uma das motivações fundamentais dos homens do e25 ABRILs com o termo da guerra colonial e com o reconhecimento do direito dos povos das colónias à independência, foi a convicção de que tal faria nascer relacões de natureza diferente. entre povos soberanos e independentes. mas que conviveram juntos no passado, que se cruzaram cultural e biologicamente e que assim poderiam ultrapassar os traumas de uma política colonial recente e da ainda mais recente guerra colonial e recuperar o profundo humanismo contido na vocação universalista dos descobrimentos.

Mas a cooperação portuguesa tem sido timida, insuficientemente programada e deficientemente estruturada, e incapaz mesmo de apoiar eficazmente instituições privadas e Organizações Não-Governamentais interessadas na sua dinamização. Portugal está a deixar-se ultrapassar por outros países, com menores capacidades anímicas, com menos conhecimentos técnicos e menos afinidades naturais. Deixa-se ultrapassar mesmo no campo cultural, onde dispomos de um capital privilegiado, e que é reconhecidamente o sector base da cooperação, que permitirá. aos países recebedores criarem as suas própria estrutura humanas, para tirarem rendimento da cooperação econômica, técnica e cientifica.

Mas o aspecto decisivo em que a cooperação portuguesa tem falhado, em espe-

(Continua na pág. seguinte)

(Continuação da pág. anterior)

cial com Angola e Mocambique, é na ambiguidade politica face aos problemas do «apartheid» na Africa do Sul e da ocupação ilegal da Namíbia que, não sendo os únicos, são seguramente os mais importantes e decisivos factores que geram a instabilidade e a violência que flagela a Africa Austral. Pode ler-se nos mais diversos relatórios da ONU. da UNESCO e da CEE, que a cooperação com os países africanos é indissociável das sanções contra o sapartheids, sendo absurdo investir em programas de cooperação que são depois inviabilizados pelas acções violentas da Africa do Sul ou por esta apoiadas, perante a benevolente complacência dos países que prestam aquela comperação.

Ora Portugal tem sido, cutre os países da CEE, dos que mais obstáculos têm ievantado às sanções, e tem meno alinhado sistematicamente na ONU, com os países que as têm invisibilizado.

Refujía-se Portugal no álibi dos emigrantes portuguesse na Africa do Sul, para justificar a sua ambiguidade. Fraco álibi. Primeiro porque é absurdo penasaque a Africa do Sul exerga represálias sobre os nosos emigrantes, já que à própria lógica do sistema interesas a sua retenção. Mas principalmente porque o que se exige, perante a inevitabilidade do fim do «apartheid», é criar condições para que os nossos emigrantes al possem permanecer, quando a maíoria negra asocuder «o poder. E allás neste esetido que se tém manifestado os próprios dirigentes do ANC, que não exigem sequer o apoio dos portugueses, mas apenas o descomprometimento destes com o «apartheid».

Portugal tem assim todo o interesse em assimir a liderança na Europa na luta contra o capartheido e em orientar uma política de consciencialização dos seus emigrantes na Africa do Sul, para os seus verdadeiros interesses a médio e longo prazo, ainda que sem porem em causa o insediato.

Infelizmente, parece que pouco se aprendeu com o éxodo dos portugueses das colónias, e não se compreendeu que as suas œussas não radicacam na independência dos provos países, mas na falta de perspectivas que degenerou na violência dos últimos anos do colonialismo e na incapacidade de compreender a marcha da História.

Por tudo isto, penso que os «3D» do MFA são valores que não estão ultrapassados, e que, alás, definem três áreas de valores permamentea, nos quais no momento actual se conjugam contradições que exírem respostas adequadas.

Três áreas de valsres que, afinal, nem é difició identificar com os valores da Revolução Francesa, a LIBER-DADE, a IGUALDADE e a FRATER-NIDADE, velhos de 200 anos, mas que continuam presentes nas asprinções das seciedades modernas e propressionas, exactamente por que nunos totalmente conquistados ou comocilidados ou comocilidados ou comocilidados.

Não será necessário um grande esfor-

ço de imaginação para se aceitar que o conceito de LIBERDADE da Revolução Francesa está contido no «D» de DEMOCRACIA do Programa do MFA, que o de IGUALDADE está no «D» de DESENVOLVIMENTO e o de FRATERNIDADE no «D» de DESCOLONIZA-ÇAO.

£ no aprofundamento destes valores que devemos encontrar respostas para os problemas que neste momento se co-locam á sociedade portuguesa. E é aqui que ressde exactamente a perendidade do ≈25 ABRIL e e o conteúdo real da expressão ≈25 DE ABRIL — SEMPRES que constituí hoje, e muito bem, uma feliz sintese da actualidade da sua proposta.

Escreveu ALMEIDA GARRETT um dia, também no periodo de refluxo de uma outra revolução generosa da nossa História

«A sociedade portuguesa já não é o que foi ,não pode tornar a ser o que era; mas muito menos pode ser o que é.»

mas muito menos pode ser o que é.» Sábias palavras tão justas hoje como em meados do século passado.

Pois que a força mobilizadora do «25 DE ABRIL — SEMPRE», seja assim o apelo que dirigimos a nós próprios, para mantermos vivo o nosao compromisso com o aprofundamento das potencialidades que o «25 DE ABRIL» gerou, até que a esperança se cumpra.

Disse. Aveiro, 25 de Abril de 1988.

PEZARAT CORREIA

ALGARVE

As comemorações da Revolução de Abril de 1974, foram levadas e cabo em todo o Algarve neste ano de 1988. As maia significativas, porque melhor organizadas e mais participadas foram nos seguintes locals:

FARO :

Nesta cidade, as comemorações do XIV Aniversário da Revolução de Abril foram levadas a cabo nos mesmos moldes dos anos transactos: programa conjunto da Câmara Municipal e A25A.

A margem do programa referido, foi efectuado um abmoço no dia 25 de Abril, comemorativo do XIV Aniversário do 25 de Abril, organizado por um Núcleo de Sócios, Associados e Amigos da A25A. Teve uma participação de Democratas dos mais variados quadrantes e em número superior ao do ano passado.

A presidir ao almoço um representante da A25A que fez a leitura da Mensagem da Associação.

LAGOA:

Aqui, também as comemorações do XIV Aniveraírio da Revolução foram bastante significativas, cobrindo duma foram geral todo o «macaho. A organização foi a Câmara Municipal de Lagoa em colaboração com organizações locuia e concelhias.

A A25A esteve representada nas actividades desenvolvidas no dia 24, através de um seu representante, que fez a leitura da Meursagem da Associação.

LAGOS :

Almoço comemorativo do XIV Aniversário da Revolução, no dia 25, promovido pela Cámara Municipal. Um representante da A25A neste almoço fez a leitura da Mensagem da Associação.

OLHÃO:

Aqui, foi o 25 de Abril comemorado com um almoço no dia 25, numa Escola Secundária local, organizado por um grupo de Democratas, com cerca de 200 presenças. Esteve presente um representante que leu a Mensagem da Associação.

PORTIMÃO:

As comemorações do XIV Aniversário da Revolução de Abril atingtram brilhantismo nunca antes alcancado.

A Câmara Municipal e um Núcleo da A25A elaboraram um Programa conjunto, bastante diversificado e levaramno à prática, em colaboração com orgamizações locaía e conoelhias.

A Mensagem da A25A fot lida no jantar comemorativo do 25 de Abril, no dia 24.

No colóquio subordinado ao tema: 40 25

DE ABRIL E A DEMOCRACIA», levado
a cabo pelas 21,00 h do día 23, no Salão
Nobre da Câmara Municipal, interveio em
nome da A25A um seu representante.

(Continua na pág. seguinte)

Na senda dos objectivos tracados quando da sua criação e dentro das suas naturais limitações, o Núcleo de Viseu da Associação 25 de Abril, mais uma vez e com acrescidas razões este ano se empenhou no apoio e organização das comemorações do 14 aniversário do Movimento Libertador de 1974.

Integrando a Comissão Organizadora das Comemorações do Concelho de Viseu, aí se fez representar desde o inicio, contribuindo para o planeamento, organização e execução de um programa que, sem ser naturalmente muito ambicloso, porque limitados os recursos financeiros, conseguiu aglutinar todos aqueles que de alma e coração estão com o 25 de Abril, despertar os que mão o conhecem ou lhe têm sido indiferentes e provocar alguma mal contida ira naqueles que frontalmente contra ele se posi-

O referido programa constou, essencialmente do seguinte:

No dia 24 de Abril, à noite - Projec cão vídeo em «écran» gigante, de gravações de música moderna, nacional e estrangeira, com passagem de nequenos extractos de registos dos

acontecimentos de 25 de Abril de 1074

Esta realização dirigia-se principalmente aos jovens e atingiu os objectivos propostos.

No dia 25 de Abril - Alvorada festiva, com actuação, pelas ruas da cidade, de um grupo de bombos e lancamento de foguetes

Prova de atletismo com a participacão de cerca de 80 atletas de ambos os sexos e vários escalões e no qual estava em disputa, entre muitas outras, a Taça da Associação 25 de Abril (prémio máximo).

Animação infantil, com a realização de jogos e execução de trabalhos de desenho, pintura e modelagem.

Espectáculo de Música Popular Portuguesa, pelo grupo Os Amigos de Alex, com intervenção alusiva à efemárida

Tantar-convivio

Mais uma vez. o jantar-convivio foi um encargo específico do Núcleo de Viseu, contando, para tal, com a prestimosa colaboração de um grupo de democratas de Viseu e com a generosa ajuda da Comissão Directiva da Escola Secundária Viriato, que, para o efeito, cedeu graciosamente as instalações, sendo de destacar a incansavel disponibilidade do seu Presidente, dr. Rui Santos.

Ao jantar, seguju-se um programa cultural que contou com a actuação de um grupo de pesquisa de música tradicional da região de Castro Daire, leitura de prosa por um elemento do grupo ACERT de Tondela e exibição do eruno folclórico da Escola Secundária Alves Martino

Participaram no jantar cerca de 300 pessoas (superior, portanto, ao número do ano passado), sendo de destacar a presenca, este ano ainda mais numerosa e representativa, de militares do activo da guarnicão de Viseu.

Embora o momento aconselhe uma profunda e séria reflexão sobre o papel da Associação na sociedade portuguesa actual, há evidentes motivos para concluir que o 25 de Abril se encontra vivo e actual no coração das gentes de Viseu. pelo que haverá que repensar as formas futuras de dar corpo a estas comemorações, desviando-as da tendência natural para conferir-lhes um cunho de lembranca de um acontechmento que supostamente, o tempo encerrou nos arquivos da História.

AI GARVE

(Continuação da nás anterior)

SILVES :

Patrocinado pela Câmara Municipal teve lugar no dia 24 de Abril um almoco comemorativo da Revolução de Abril, com a participação de Democratas do concelho. Um representante da A25A fez a leitura da Mensagem da Associação

VILA REAL DE ST.º ANTÓNIO :

Aqui, também a Revolução foi comemorada através dum almoco no dia 25 de Abril, organizado por um Grupo de Democratas. Esteve presente um representante da A25A que fez a leitura da Mensagem da Associação.

No geral, as Comemorações do XIV Aniversário da Revolução de Abril transcenderam as expectativas a nivel regional. Foram em qualidade, quantidade e enz participação numérica, superiores a todas as anteriores. Este facto é, apesar da situação conjuntural actual, de bom augúrio para a A25A e provam que o espirito de Abril se mantém vivo e actuante.

ACORES

Também nos Acores se comemora o 25 Abril, para além das cerimónias militares comemorativas daquela data.

Assim, o núcleo local da A25A, em colaboração com organizações locais, promoveu algumas iniciativas de carácter vincadamente popular. Na noite de 24 de Abril realizou-se um convívio no Sitava. No próprio dia 25 houve uma festa na Escola Secundária Antero de Quental.

com a participação de um grupo folciórico.Igualmente se realizou uma corrida de ciclismo com cerca de 45 km de ex-

A A25A fez-se representar nestas comemorações pelo seu associado Vítor Crespo, que numa das suas intervenções considerou a Revolução dos Cravos como a cesperança de construir um Portugal feliz».



CONVITES À A25A DURANTE O PERÍODO DAS COMEMORAÇÕES DO XIV ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL

Recebeu a A25A numerosos convites para se fazer representar ou participar em diversos tipos de comemorações, como colóquios, debates, sessões solenes, exposições, festas, convívios, almoços, jantares, etc.

A Associação tentou corresponder a todos os convites, o que foi possível concretizar através da presença de um seu representante na maioria dessas comemorações.

Indica-se em seguida a lista das entidades que enviaram convites à A25A, os quais se agradecem e ao mesmo tempo se consideram como uma prova de confiança na Associação como Ildima representante dos ideais do 25 de Abril.

- Assembleia da República
- Assembleia de Freguesia de Apelação-Loures
- Assembleia Municipal da Figueira da Foz
- Associação de Desenvolvimento da Quinta do Conde
- Associação de Educação Popular do Zambujal
- Associação de Trabalhadores/Estudantes da Escola
 Secundária António Sérgio Vila Nova de Gaia
- Associação do Nordeste Transmontano
- Associação Portuguesa de Amesterdão (Unificada)
- Associação Unitária de Reformados, Pensionistas e Idosos de Corrojos
- Association «Les Amis du 25 Abril» Plaisir (França)
- Câmara Municipal da Amadora
- Câmara Municipal da Marinha Grande
- -Câmara Municipal de Almada

- Câmara Municipal de Alpiarça
- Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos
- Câmara Municipal de Castro Verde
- Câmara Municipal de Fafe
- --- Câmara Municipal de Grândola
- Câmara Municipal de Lagoa
- Câmara Municipal de Lagos
- Câmara Municipal de Mora
- --- Câmara Municipal de Moura
- Câmara Municipal de Palmela
- Câmara Municipal de Peniche
- Câmara Municipal de Ponte da Barca
- Câmara Municipal de Santarém
- Câmara Municipal de Santiago do Cacém
- Câmara Municipal de Sesimbra
- --- Câmara Municipal de Silves
- Câmara Municipal de Tavira
- Comissão das Comemorações do 25 de Abril em Castelo Branco
- Comissão de Trabalhadores da Automática Eléctrica Portugal
- Comissão de Trabalhadores da Companhia de Seguros Bonança
- Comissão de Trabalhadores da Setenave
- Comissão de Trabalhadores da Sorefame da Amadore
- Comissão de Trabalhadores da TAP Air Portugal
- Comissão de Trabalhadores do Entreposto Comércio de Viaturas, Lda.
- Comissão Dinamizadora do 25 de Abril na Petrogal

COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL DE 1988

- Comissão Executiva das Comemorações do XIV Aniversário do 25 de Abril — Covilhã
- Comissão Organizadora das Comemorações do 25 de de Abril do Beato, Marvila e Olivais
- Comissão Promotora das Comemorações do 25 de
 Abril de Seia
- Comissão Promotora das Comemorações do 25 de Abril na Sorefame/Amora e Equimetal
- Comissão Promotora do 25 de Abril Guimarães
- Comissão Promotora Jantar Comemorativo do 14.º
 Aniversário do 25 de Abril Guarda
- Comissão Sindical dos Serviços Municipalizados de Água e Saneamento de Almada
- Comissão Sindical dos Trabalhadores de Câmara Municipal da Amadora
- Comissão Unitária da Função Pública
- Comissão Unitária da Saúde para as Comemorações do 25 de Abril
- Comissão Unitária dos Reformados, Pensionistas e
 Idosos da Freguesia de Alcântra
- Conselho das Associações dos Emigrantes Portugueses — Bruxelas
- Cooperativa «A Coopinhal» Pinhal Novo
- Cooperativa de Produção e Consumo «A Linha do Estoril»
- Clube de Pracas da Armada
- Clube do Sargento da Armada
- Clube Militar Naval
- Clube Recreativo Barroquense
- Democratas da Função Pública
- Escola da Voz do Operário na Ajuda
- Escola Preparatória da Pontinha
- Escola Preparatória de Mem Martins
- Escola Secundária da Amora
- Escola Secundária de Santo André
- Escola Secundária do Seixal

- Estrutura Sindical da Caixa Geral de Depósitos
- Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio
- Grupo de Democratas da Freguesia de S. João Lis-
- Grupo de Democratas de Arganil
- Grupo de Democratas de Gouveia
- Grupo de Democratas de Oeiras e Paço de Arcos
- Grupo Sportivo Adicense
- Junta de Freguesia de Agualya-Cacém
- Junta de Freguesia de Alcântara
- Junta de Freguesia de Alhandra
- Junta de Freguesia de Alverca do Ribatejo
- Junta de Freguesia de Ameixoeira
- Junta de Freguesia de Arrojos
- Junta de Freguesia de Barcarena
- Junta de Freguesia de Belas
- Junta de Freguesia de Marvila-Associação Jovens
 Bairro do Relógio
- Junta de Freguesia de Oeiras e S. Julião da Barra
- Junta de Freguesia de Santa Iria de Azóia
- Junta de Freguesia de Sarilhos Grandes
- Junta de Freguesia de S. Domingos de Rana
- Nova Antena -- Emissor do Concelho de Loures
- Organizações Representativas dos Trabalhadores da
 Central de Cerveias
- --- Rádio Universidade Teio
- Rádio Voz de Almada
- Siderurgia Nacional Maia
- Sindicato dos Ferroviários do Sul
- Sindicato dos Professores da Região Centro
- Sindicato dos Tabalhadores do Comércio, Escritórios
 - e Serviços do Distrito de Lisboa
- Sociedade Filarmónica União Artística Piedense
- Trabalhadores da Marconi

CONVITES RECEBIDOS

- Galeria de Arte Capitel
 Ineuguração da exposição de Leopoldo Batalha de 2 a 11/4/88
- Federação Portuguesa das Colectividades Cultura e Recreio
 Posse dos Novos Corpos Gerentes 8/4/88
- Amar o Tejo Viver a Paz Debate 10/4/88
- Associação de Apoio à Reforma Agrária
 Sessão de trabalhos 12/4/88
- Galeria de Arte das Amoreiras
 Inauguração da exposição de Maria Antónia
 Santos 14/4/88 a 1/5/88
- Comissão Promotora das Jornades de Solidariedade com a Reforma Agrária 16/17 - 4/88
- M. U. R. P. I. (Movimento Unitário dos Reformados Pensionistas e Idosos)

 VII Plenário Nacional 23/4/88
- Galeria Arte Capitel Inauguração da exposição de Marie Fernanda Amado de 30/4/88 e 9/5/88
- Galeria Ouadrado Azul (Porto)

 Inauguração da exposição de Calheiros 6 /5/88
- URAP (União de Resistentes Anti-Fascistas)
 Convite pare dois colóquios em 10/5/88 e
 18/5/88
- Comissão de Trabalhadores da EDP Empresa
 Pública
 Comemorações do 13.º Aniversário da Na
 - cionalizeção; convite para jentar em 13/5/88
- Movimento Democrático das Mulheres (MDM)
 Exposição fotográfica e documental 13/5/88
- Associação de Amizade Portugal Checoslováquia
 - 2.º Encontro de Amigos da Checoslováquia

- Ginásio Clube do Sul Palestra «Descoberta de Pessoa em Almada» em 20/5/88
- Comissão de Trabalhadores da CIMPOR
 Almoço Com. da Nacionalização em 21/5/88
- 25.º Aniversário da Organização de Unidade Africana
 em 24/5/88
- Associação de Amizade Portugal R. P. de Angola
 Sossão Comemorativa «Dia de África» 26/5/88
- Galeria Altamira
 Inauguração da exposição de pintura de João
 - Sindicato dos Trabalhadores do Comércio Escritórios e Serviços do Distrito de Lisboa Debate sobre o acidente nuclear de Chernobul 27/5/88
- Escola Secundária D. Pedro V
 Colóquio em 27/5/88

Moreira 26/5/88

- Partido Comunista Reconstruído
 Festa de encerremento da conferência regionel de Lisboa 29/5/88
- Movimento Português Contra o Apartheid Encontro de Informação 30/5/88
- Universidade Autónoma de Lisboa
 Conferência sobre «Restabelecimento da Paz na Europa» 30-31/5/88
- Editorial Vega e a Cesa do Alentejo
 Lançamento do iivro «Poetas Portugueses
 Alentejanos» 31/5/88
- Comissão de Trabalhadores da RN
 Aniversário da Constituição da Empresa Pública 5/6 /88
 - Ginásio Atlético Clube
 Colóquio em 17/6/88

QUOTAS

A Direcção está determinada a modificar a monotonia na vida da A25A.

Contudo, só conseguirá atingir os seus objectivos se tiver a colaboração activa dos associados.

Uma dessas colaborações consiste no pagamento atempado das quotizações.

PAGUE AS SUAS QUOTAS COM REGULARI-DADE.

COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL DE 1988

GUIMARÃES

Como vem sendo da tradição, teve lugar mais um habitual jantar-convívio dos oficiais do QP da RM Norte, que se realizou no Hotel da Penha, em Guimarães.

A Delegação do Porto da A25A apolou esta iniciativa que se considera de grande significado.

CONVITE

Convidam-se todos os leitores, que desejem dar publicidade nas nossas colunas a obras de que sejam autores, « fazê-lo, pois com grande interesse e agrado o efectuaremos.

APELO AOS ASSOCIADOS

Apela-se a todos os nossos associados para que nos enviem artigos para publicação neste boletim.

O Referencial necessita da participação de todos, pois só assim poderá ser o verdadeiro elo de união entre todos.

OFERTAS DE LIVROS À A25A

- BALADA DE UMA REVOLUÇÃO, Fernando Carretes
- --- MEMÓRIAS CÍV:CAS 1913-1983, Manuel da Costa e Melo
- CENTURIÓES E PREYORIANOS, Pedro Pezarat Correia
- ALMADA ANYIGA E MODERNA, Alexandre M. Flores oferta da C. M. Almada
- Abril), oferta da C. M. de Loures
- ELEMENTOS PARA A HISTÓRIA DA 1.º
 REPÚBLICA, oferta da C. M. Alplarça
 A ECONOMIA E A ACCÃO DE JOSÉ REL
- VAS, Carlos Consiglier, Marílie Abreu e Horácio Reigado — TEÓFILO BRAGA E OS REPUBLICANOS.
- Carlos Consiglier

 RECOLHA DE POESIA POPULAR, oferta da
- O FUTURO ERA ONTEM, Fernando Compos de Castro

C. M. Moura

— A MORTE É PARA OS OUTROS, Mário Dionisia

VAMOS APRENDER BRIDGE!

No artigo anterior limitámo-nos a fazer uma ligeira apresentação do jogo e a definir objectivos, não saindo do âmbito das «generalidades e culatras».

Vamos agora entrar em conceitos e idelas mais concretas, começando pela,

1. AVALIAÇÃO DAS MÃOS

O jogo do bridge, podemos afirmá-lo, compõe-se de três actos específicos:

- A distribuição (ou recepção) de treze cartas a cada um dos jogodores
- O «Lellão».
- O jogo da carta.

O «primeiro acto» é verdadeiramente elementar. Há que distribuir as 32 cartas pelos 1 jogadores. Aquele que as distribui, o «dador», fá-lo pela esquerda, seguindo o sentido dos ponteiros do relógio, cumprindo uma praxe, seguramente, británica.

Poderão, contudo, as cartas destinadas a cada jogador, terem sido previamente distribuídas e colocadas em receptáculos próprios, prática usual no bridge de competição e utilizada nos «Torneios» ou «Campeonatos».

Recebidas as cartas, não interessa por que forma, que fazer com elas?

Se vai haver um «leilão» é suposto que, no mesmo, sejam disputadas alguma: mercadorias. Que «mercadorias» vão po!s ser «leiloadas» e qual o seu justo «valor»?

A esta sensata pergunta, dum qualquer integrante duma vulgar sociedade de consumo ou não, direi que a «mercadoria» são as 13 cartas que se tem na mão e o seu «preço» dependerá do tipo ou valor dessa cartas

O valor duma «mão» em que as cartas sejam na sua maior parte figuras, não será, obviamente, igual ao de outra em que a ausência de Ases ou de outras effiguras constituem motivo para muitos se lamentarem da sua, quase atávica, pouca sorte.

O deliãos permitirá transmitir ao parceiro informações codificadas do jogo que se tem as mão, pelo que, quanto mais correctamente for feito, mais e melhor quantidade de informação será fornecida ao parceiro, permitindo ao epara (conjunto de dois parceiros) ou dilnhas, oferecer o justo valor pela «mercadoria» que conjuntamente possuem, o que deverá constituir objectivo a atingir em todas as situações e a eficácia como for executado materializará uma importantíssima faceta da qualidade do bridge praticado.

O certo è que continuamos sem saber como avaliar o jogo que se tem na mão!!!

Para o fazer, com a precisão hoje conseguida, em multo contribuiu um dos mais brilhantes bridgistas franceses, PIERRE ALBARRAN, ao concretizar a necessidade de se considerarem, na avaliação duma «mão», a existência de «Pontos de Honra» (PP), e de «Pontos de Distribuição» (PP).

Fol a introdução deste conceito que veio permitir a definição do correcto valor a atribuir á emercadoria», ou seja, melhor possibilitar definir o enívelo até ao qual poderá e deverá ser elevado e/ou mantido o elião».

2. PONTOS DE HONRA

São assim chamados porque definem o valor das figuras ou honras e são os seguintes:

Ao 10, considerado como a mais prequena das cinco figuras, não é atribuido qualquer valor nosta centagem, ainda que a sua presença ou ausência soja multar vezes factor decisório em determinados leilões, ao que, na altura devida, nos referiremos.

Conhecido o valor de cada figura, restará ao jogador totalizar os pontos para ter uma noção da «força» da cua «mão» em PH.

Tomemos um exemplo:

O — Ouros, P — Paus)

O - D63

P - R82

Esta é uma mão que vale 12 PH, de acordo com os valores atrás referidos.

3. PONTOS DE DISTRIBUIÇÃO

O valor de uma mão seria incorrectamente definido se apenas fosse calculado com base na contagem dos PH, e isto porque o número de cartas existentes em cada naipe, a que denominaremos edistribulçãos, constitui também factor valorativo da sua força.

O conceito de Pontos de Distribuição (PD) apareceu como lógica necessidade à constatação de que mãos com a mesma força em PH, mas com uma distribuição muito diferente não poderiam, nem deveriam, ser tratadas como se tivessem a mesma força. Tomemos como exemplos as duas mãos seguintes:

(a)	(b)
— AD6	AD6
- D103	D108763
- R652	RV5
V81	4

E

Facilmente constatamos tratarem-se de duas mãos que, tendo o mesmo número de PH, estão multo longe de terem o mesmo valor ou força.

Para se calcular o valor da distribuição dum determinado jogo iremos utilizar a seguinte escala de Pontos de Distribulção (PD):

Retomando o exemplo anterior, poderemos dizer que a mão (b) tem o seguinte vaior em Pontos de Distribuição (PD):

$$PD = 3$$

Diremos, finalmente, que o valor ou força duma mão deverá ser calculada pela soma algébrica dos seus Pontos de Honra com os seus Pontos de Distribulção. A essa soma chamaremos Pontos de Distribulção e Honra (PDH).

Concluímos que a força real da mão

sendo sempre em termos de força em DH que deverá avaliar as mãos que lhe vierem a aparecer quando praticar a modalidade.

Recomendo que se treine agora em avaliar várias «mãos», dando cartas á sorte, o que pode fazer mesmo sozinho.

> Até ao próximo número Luís Galvão

MEDALHA





Do escultor JOSÉ SANTABÁRBARA

CARTAZ E AUTOCOLANTE



De JOÃO LUÍS

SERIGRAFIA



De FRANCISCO SIMÓES

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

Na sequência do Convénio realizado com o Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra, estão conseguidas as condições necessárias ao prosseguimento da actividade do Centro de Documentação da A25A. De facto, uma vez assegurado o tratamento, classificação e preservação dos espólios por aquele Centro de Coimbra, cábenos agora enriquecer o nosso Centro através da recolha de materiale documentação que se encontra dispersa e por vezes, em risco de de-

De acordo com definições, já assentes anteriormente, o convénio de «documento com interesse» para o CIP/AZSA. fol proposto pela Comissão e publicado no boletim da AZSA, repetindo-se de novo neste número.

Assim, o nosso apelo dirige-se sobretudo aos sócios, apoiantes e outros intaressados que possuam espólios naquelas condições e que estejam dispostos a cedêlos á AZSA. As condições de cedência serão sempre estudadas caso a caso, regendo-se pelo princípio do respeto, tanto quanto possível, dos desejos dos possuidores desses espólios.

Interessa ao Centro de Documentação efectuar a recolha de documentação histórics respeitante à História do Século XX, seja qual for a sua natureza Asém, o âmbito do CD/A25A estende-se desde as publicações impressas, (livros, revistas, jornais, etc.), aos documentos inéditos, aos documentos icongráficos (fotografisa, desenhos, gravuras, cartazes, autocolantes e outras formas de expressão), aos documentos sonoros (fitas gravadas casestites, discos, etc.), aos documentos audio-visuais (filmes, diaporamas, videogramas, etc.)

As doações (ou entregas em outras condições a estudar), serão sempre objecto de um protocolo entre as duas partes, que assinalará o ,acordo efectuado.

O CD/A25A só se tornará um lugar de estudo, investigação e debate sobre o 25 de Abril e a História recente de Portugal, se todos quisermos fazê-lo crescer.

Esperamos os vossos contactos